

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Karolyne Cristina da Silva

**“DUAS VIAGENS AO BRASIL”: ANÁLISE À PERSPECTIVA RELIGIOSA APRESENTADA POR
HANS STADEN**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Mateus Rezende de Andrade.

JUIZ DE FORA
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Karolyne Cristina da Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201873096A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "DUAS VIAGENS AO BRASIL": ANÁLISE À PERSPECTIVA RELIGIOSA APRESENTADA POR HANS STADEN, desenvolvido durante o período de 14/08/2023 a 11/12/2023 sob a orientação de Mateus Rezende de Andrade, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

KAROLYNE CRISTINA DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

“DUAS VIAGENS AO BRASIL”: ANÁLISE À PERSPECTIVA RELIGIOSA APRESENTADA POR HANS STADEN

Karolyne Cristina da Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a perspectiva religiosa de Hans Staden frente aos indígenas, apresentada no livro “Duas Viagens ao Brasil”, pois, por se tratar de uma obra de relevância histórica e que retrata os indígenas de maneira imprudente, faz-se necessária uma análise que evidencie o contexto histórico em que esta foi difundida.

Para atingir o objetivo, faremos um levantamento sobre a vida do autor, a obra em questão: “Duas viagens ao Brasil” e em seguida, abordaremos questões relativas ao contexto histórico, como a influência da igreja, a carga do Renascimento na Europa e nos indivíduos da época.

Por optar em basilar o artigo em duas edições, sendo a de Albert Lofgren e Teodoro Sampaio (1900), e a de Angel Bojadsen com introdução do jornalista Eduardo Bueno (2011), será feita uma comparação das mesmas. A de 1900 foi selecionada por ser considerada a primeira edição em português de boa qualidade e a de 2011, por possuir um português atual, o que facilitou a compreensão do livro.

Em seguida, desenvolveremos uma análise que objetiva contrapor a visão religiosa em certos pontos da obra de Staden, utilizando obras de autores não europeus, que contam história do ponto de vista dos colonizados, interpretando fatos de uma outra forma, e que assim iluminam o lado “invisível”² da história e evidenciam a importância de uma análise crítica.

Assim sendo, o intuito do mesmo não é desmerecer nenhuma religião ou crença, mas sim, analisar a perspectiva do autor à época.

Palavras chave: Perspectiva Religiosa.Colonização.Renascimento.Domínio Epistêmico.Produção Literária Européia.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the religious perspective presented in Hans Staden's book “Duas viagens ao Brasil “ towards indigenous people, because, since it is a work of historical relevance which portrays indigenous people in a reckless manner an analysis explaining the way and context in which these ideas were spread is necessary.

To achieve the objective, a survey about the author's life and the book “Duas Viagens ao Brasil “ will be done, then we will write about the historical context such as the influence of the church, the burden of the Renaissance in Europe and on the individuals of that time.

As the article will be based in two editions, the first by Albert Lofgren and Teodoro Sampaio (1900) and the second, by Angel Bojadsen with an introduction by the journalist Eduardo Bueno (2011), a comparison between them will be done. The one from 1900 was chosen to be considered the first edition in Portuguese of good quality and the one from 2011, due to the use of the current Portuguese, which made the book easier to understand.

Finally, an analysis that aims to contrast the religious vision of Staden's work with works by non-European authors, which tell the history from the point of view of the colonized, will be developed, because, the interpretation of facts in another way by non-European writers illuminated the “invisible” side of history, highlighting the importance of critical analysis.

In this way, its intention is not to undervalue any religion or belief, but rather to analyze the author's perspective at the time.

KEYWORDS: Religious perspective. Colonization. Renaissance.Epistemic Domain.European Literature.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Mateus Rezende de Andrade.

² Termo utilizado por Hector Bruit no livro América em Tempos de conquista, O Visível e o Invisível na conquista Hispânica da América, 1992.

1. INTRODUÇÃO:

Esta análise tem como finalidade discutir a perspectiva religiosa apresentada por Hans Staden no livro "Duas Viagens ao Brasil", pois, posto que os europeus dominavam a produção e divulgação do conhecimento e apresentaram a história do novo mundo, definindo seus habitantes como "selvagens" e o uso desta premissa legitimou a colonização e contribuiu para a estigmatização e uma visão estereotipada da cultura dos povos originários, faz-se necessária uma análise que explique a forma e o contexto que estas ideias foram difundidas, evidenciando assim o outro lado da história.

Desta forma, a primeira parte do artigo será constituída pela metodologia empregada para a produção do mesmo, levantamento de informações sobre a vida do autor e sobre a obra, e por fim, uma comparação das duas edições selecionadas para embasar o trabalho em questão.

Já a segunda parte, será constituída pelo levantamento de fatos históricos relevantes no âmbito social da época, que provavelmente influenciaram o autor, a produção da obra e a difusão da mesma. Hipoteticamente, o livro apresenta uma perspectiva religiosa devido a influência exercida pela igreja e pelo renascimento no campo social.

Por conseguinte, pretendemos ressaltar a importância da obra para a história do Brasil e com o auxílio de obras de autores não europeus, tentamos analisar e contrapor a perspectiva religiosa apresentada no livro, abordando as intenções iniciais dos colonizadores para o novo mundo, delimitando o local de fala do autor, as condições de escritura da obra e assim argumentar sobre certos pontos apresentados por Staden, que de forma precipitada, decifrou os indígenas como selvagens com a crença alicerçada em deuses que o mesmo dá a entender que não seriam verdadeiros³, no entanto, certos excertos do livro permitem inferir que pode-se tratar de uma questão de interpretação e parcialidade, pois o mesmo era europeu.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, a análise seria feita com base na versão francesa de Ternaux Compans, no entanto, por se tratar de uma edição cujo a tradução feita "peca por ser errônea e carente de notas"⁴, optamos pela leitura da versão em português de Albert Loefgren, com notas de Teodoro Sampaio (1900), cujo a tradução provém da versão original⁵, além de ser considerada de melhor qualidade e também pela versão de 2011 da L & PM Pocket com tradução de Angel Bojadsen e introdução de Eduardo Bueno, do qual a tradução se baseia na edição de Angel Bojadsen, "Primeiros Registros sobre o Brasil" editora "Terceiro Nome, 1999⁶, por se tratar de uma publicação com o português da atualidade.

Assim, este trabalho será produzido com base nas duas edições supracitadas da obra de Hans Staden, no entanto obras literárias de autores da História como Francisco Iglesias, Hector Bruit, Laura De Mello, também embasarão o mesmo, pois as reflexões fornecidas por estes, retratam história de um ponto de vista diferente do dos colonizadores e conseqüentemente contribuem para a construção de uma outra perspectiva sobre os povos originários, auxiliando na desconstrução de conceitos pré-estabelecidos.

3. SOBRE O AUTOR

Não há registros detalhados sobre a vida de Hans Staden, no entanto, sabe-se que ele era protestante⁷, nascido em 1525 na cidade de Homberg, Alemanha⁸ e que esteve no Brasil duas vezes, bem como explicitado no primeiro capítulo do livro "Duas viagens ao Brasil" (2011), sendo a primeira vez de 1547 a 1548, estando em viagem por 16 meses⁹, como artilheiro de uma nau Portuguesa onde o capitão se chamava Penteado¹⁰ e

³ STADEN, Hans, "Duas Viagens ao Brasil", tradução de Angel Bojadsen, 2011, p. 18

⁴ STADEN, Hans, 1988 p. 23 APUD NETO, Werner Tradução como Leitura, 2008 p.4

⁵ STADEN, Hans, "Duas Viagens ao Brasil", p. 8.

⁶ HANS, Staden Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes. [trad.] Angel Bojadsen. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999.

⁷ NETO, Werner Hans Staden: Tradução como Leitura... p. 3.

⁸ BIANCA, Andreza "Selvagens, nus, Ferozes e Canibais": Os Tupinambás nas representações de Hans Staden", 2012, p.22.

⁹ STADEN, Hans, "Duas Viagens ao Brasil", tradução de Angel Bojadsen, 2011, p. 32.

¹⁰ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, tradução de Angel Bojadsen, 2011, p. 23.

a segunda vez, em 1549¹¹, em um navio Espanhol que tinha como capitão Diego de Sanabria¹² que, segundo Eduardo Bueno, objetivava estabelecer vilas castelhanas no Sul do Brasil, algo que contrariava os interesses lusitanos, por isso, ao sofrerem o naufrágio próximo a São Vicente em uma Ilha ocupada por Portugueses, o governador Tomé de Sousa prestou auxílio, mas tratou de prender os sobreviventes. Como Staden possuía experiência como bombardeiro, artilheiro e arcabuzeiro, poderia servir ao Governador, e assim foi selecionado para ir para o forte de Bertioiga¹³. Este fato contribuiu para sua prisão, pois estando no forte na Ilha de Santo Amaro e mesmo tendo um escravo carijó, que caçava por ele, o mesmo resolveu sair para caçar¹⁴, foi capturado pelos Tupinambás e mantido prisioneiro por cerca de 9 meses¹⁵.

4. “DUAS VIAGENS AO BRASIL”

O livro “Duas viagens ao Brasil”, intitulado anteriormente como : “História verídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com esta impressão”¹⁶, é descrito como um livro “saboroso”¹⁷, que instiga o leitor por se tratar de uma obra pautada na realidade, descrita por alguém que foi mantido em cativeiro em uma tribo antropofágica, e que como por um milagre divino, não foi devorado e justamente por isso, Hans Staden foi tido como um herói, apesar de não se retratar como tal no livro, pois segundo o mesmo, o intuito era contar o milagre operado por Deus em sua vida, ao poupá-lo de ser devorado pelos tupinambás¹⁸.

Todavia, apesar de se tratar de uma obra que retrata a realidade, faz-se necessário observar que o livro foi escrito enquanto memórias de um prisioneiro, pois não foi produzido durante o período em que o mesmo esteve cativo da tribo Tupinambá, mas sim, após sua volta inusitada e, segundo Eduardo Bueno, o mesmo foi editado, corrigido e aperfeiçoado pelo professor de matemática e medicina da universidade de Marburgo, Johannes Dryander, tendo sua edição original publicada em 1557, em Alemão na cidade de Marburgo, Alemanha¹⁹. Por se tratar de algo inovador, que trazia detalhes culturais de uma tribo indígena, onde os membros andavam nus, faziam rituais antropofágicos, isto é, devoravam seus inimigos e se alimentavam do que plantavam, o livro obteve muito sucesso e, bem como citado por Eduardo Bueno, foi traduzido e publicado em outras línguas, como holandês (1558), latim (1559), em flamenco (1560), em francês (1839), inglês (1874), para português em 1892²⁰ etc. No entanto, a “versão de Tristão de Alencar Araripe (Viagens ao Brasil, 1892), é praticamente ignorada, pois foi traduzida a partir da versão francesa de Ternaux Compans, e peca por ser errônea e carente de notas”²¹, assim, a segunda versão em português, considerada de boa qualidade foi lançada em 1900 e produzida pelo Botânico Suíço Albert Loefgren e Teodoro Sampaio (responsável pelas Notas)²².

A obra de Hans Staden é dividida em duas partes. Na primeira parte²³, ele conta sobre suas viagens e experiências junto aos indígenas e como Deus lhe ajudou a escapar, daí em diante ele fala brevemente sobre os costumes dos indígenas²⁴, algo que confere à obra um caráter de riqueza em detalhes superinteressante, além de trazer dados inéditos à época sobre uma cultura totalmente diferente. Staden também inova, ao falar sobre a pluralidade indígena ao dizer que a “América é uma terra grande e tem muitas raças de selvagens,

¹¹ STADEN, Hans Ibid, “Duas Viagens ao Brasil... p. 33.

¹² STADEN, Hans Ibid, Duas Viagens ao Brasil... p. 163.

¹³ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ...p. 6.

¹⁴ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ...p. 49.

¹⁵ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ... p. 13.

¹⁶ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, p. 12.

¹⁷ BUENO, Eduardo, Buenas Ideias “Hans Staden- O Livro mais saboroso do Brasil”, Youtube, 2019

¹⁸ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ... p. 15.

¹⁹ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, ...p. 7.

²⁰ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, p. 7.

²¹ NETO, Werner, Hans Staden: Tradução como Leitura, Universidade Estadual de Campinas, 2008 p. 4.

²² STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ... p.8.

²³ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil... p 20.

²⁴ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil... p 106.

que tem muita diferença nas línguas” [...] e que estas tribos ou ‘nações’ estão em guerra com todas as outras”²⁵, pois ele deixa claro algo que muitas vezes é desconhecido do senso comum, isto é, ele contrapõe o pensamento de que os indígenas seriam um povo singular.

5. EDIÇÃO 1900 X EDIÇÃO 2008

A edição de Albert Loefgren e Teodoro Sampaio (1900) que tem como título “Hans Staden, suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil”, é considerada uma boa tradução e informa o leitor, logo na introdução que se trata da segunda tradução produzida na língua portuguesa²⁶, possui notas explicativas além de listar mais detalhadamente as edições lançadas do livro de Hans Staden, citando ao todo 21²⁷. Por ter sido redigida com base no original, traz consigo o português da época e os nomes de lugares foram mantidos, como nos confirma a seguinte passagem:

“A graphia de Staden no que diz respeito aos nomes tupis é quasi sempre defeituosa, mas aqui no texto foi sempre respeitada, não se lhes introduzindo correção que seria descabida. Demais, sendo a graphia desses nomes bárbaros uma representação mais ou menos precisa de como elles soaram ao ouvido do narrador, há toda a conviniencia em ser conservada como aparece no original.”²⁸

Provavelmente, questões como essas motivaram a produção de novas edições.

O prefácio da edição de Loefgren, se propõe a fundamentar a história do livro como verdadeira, por meio de relatos de outros viajantes que estiveram com Staden no novo mundo e sugere motivos que levam as pessoas a não acreditarem em histórias deste tipo²⁹.

A comparação das versões, evidencia que o capítulo 4 da segunda parte do livro da edição de Loefgren (1900), é maior e mais detalhado, pois nesta, Staden comenta sobre a serra onde os tupinambás habitavam, detalha geograficamente a habitação das tribos inimigas, narra sobre as preferências da tribo em questão para estabelecer suas moradias temporárias, como estas são feitas e etc.³⁰ Enquanto na edição de 2011, o capítulo em questão é dividido em 2 partes, sendo o 4º capítulo referente à serra onde habitam e os inimigos³¹ e o 5º capítulo composto pelas características de construção das moradias³², porém, este não menciona quantas cabanas cada aldeia tem em média, não cita o espaço onde matam os prisioneiros, as fortificações em torno das cabanas e não narra sobre o que fazem com parte dos restos mortais dos prisioneiros devorados, fazendo destoar os demais capítulos do livro de Bojadsen 2011 em relação ao livro de de Loefgren (1900).

Assim, o capítulo 5, “Como fazem fogo”, na tradução de Albert Loefgren (1900), corresponde ao capítulo 6 na edição de Angel Bojadsen (2011) e assim por diante.

A versão do Livro de Hans Staden “Duas Viagens ao Brasil” de 2011, da editora L & PM Pocket, traz o português atual, o que facilita a compreensão do texto e apresenta uma introdução mais elaborada feita pelo jornalista, escritor e tradutor, Eduardo Bueno³³. Com base nos recursos históricos disponíveis, Bueno contextualiza sobre as obras produzidas a partir do livro de Staden, discorrendo sobre as versões lançadas e personalidades inspiradas como Monteiro Lobato que publicou versões infantis, Tarsila do Amaral que criou “O Abaporu, O comedor de gente”³⁴ e etc.

A versão L&PM Pocket contém a nota introdutória da edição original³⁵, no entanto corta algumas partes como o salmo 107, citado na página 1 da edição de Loefgren (1900).

²⁵STADEN, Hans, “Duas Viagens ao Brasil” ..., p. 122, 123.

²⁶ STADEN, Hans “Suas Viagens e Captivo entre os selvagens do Brasil” Tradução de Albert Loefgren. 1900, p 9.

²⁷ STADEN, Hans, “Suas Viagens e Captivo entre os selvagens do Brasil ... p. 11.

²⁸ STADEN, Hans, “Suas Viagens e Captivo entre os selvagens do Brasil ... p. 183.

²⁹ STADEN, Hans “Suas Viagens e Captivo entre os selvagens do Brasil ... p. 18.

³⁰ STADEN, Hans “Suas Viagens e Captivo entre os selvagens do Brasil ... p. 124.

³¹ STADEN, Hans “Duas Viagens ao Brasil”, Angel Bojadsen, 2011, p. 111.

³² STADEN, Hans “Duas Viagens ao Brasil ... p. 112.

³³BUENO, Eduardo, in Wikipédia, disponível em : https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Bueno, 20/11/2022

³⁴ STADEN, Hans, “Duas Viagens ao Brasil... p 8.

³⁵ STADEN, Hans, “Duas Viagens ao Brasil... p 13.

Outra questão notável é o desencontro de datas apresentadas entre as edições, a iniciar pela data da primeira viagem de Staden. Enquanto no quinto capítulo da tradução de Albert Loefgren, o fim da primeira viagem de Staden está registrado como “03 de outubro de 1548”³⁶, Eduardo Bueno data o fim da viagem como “08 de Outubro de 1549”³⁷, algo que sugere um erro de digitação no caso da Tradução de Bojadsen, posto que a segunda viagem, começa em “1549, no quarto dia após a Páscoa”³⁸.

De qualquer maneira, ambas edições mantêm o caráter fluido da leitura.

6. CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA

No século XVI a Europa estava passando por transformações significativas por meio do Renascimento. Este advento trouxe mudanças sociais e econômicas onde o Teocentrismo deu lugar ao Antropocentrismo, isto é, o homem desenvolveu uma nova maneira de pensar, abarcando o desenvolvimento do senso crítico, valorizando a comprovação de teses por meio de estudos científicos e da razão, por conseguinte, a igreja não perdeu sua relevância³⁹ e continuou exercendo grande influência no campo social - posto que esta “ não era apenas lugar de adoração a Deus, mas muito mais do que isso, a igreja era por excelência a instituição de controle social – moral, jurídico e cultural -”⁴⁰, no entanto, a partir deste momento, passou a ser muito contestada, algo que favoreceu a ruptura da mesma e o surgimento de outra vertente religiosa, o protestantismo⁴¹.

Palco da valorização do conhecimento em diversas áreas, o Renascimento auxiliou importantes descobertas no campo científico, geográfico, astronômico, físico etc. Com efeito, houve o aperfeiçoamento de instrumentos de navegação, o que contribuiu para o empreendimento das grandes navegações da Europa para América e África⁴².

Assim sendo, pode se inferir que quando os europeus chegaram à América, estavam sob influência deste movimento modernista e interpretaram os povos originários com base na cultura europeia.

Com este espírito imperialista, se autodenominaram descobridores, todavia, “só se descobre uma terra sem habitantes; se ela é ocupada por homens, não importa em que estágio cultural se encontram, já existe e não é descoberta”⁴³, e como se sabe, já haviam povos habitando estas terras, cada tribo possuía sua cultura e leis estabelecidas e até mesmo Staden notou esta pluralidade de tribos⁴⁴ No entanto, bem como observado por autores como Hector Bruit, a escassez de documentação indígena dificulta a produção de análises⁴⁵.

Assim, tal como explica o “historiador Germán Arciniegas, em seu livro América, Tierra Firme, “os espanhóis não descobriram a América, o que fizeram foi encobri-la quando destruíram as sociedades indígenas⁴⁶, e por possuírem o “privilegio epistêmico”⁴⁷, o mesmo se passou com a produção do conhecimento, pois este era predominantemente atribuído aos europeus, desta forma, mesmo havendo uma grande diversidade de tribos, que falavam diferentes línguas, a ausência de caligrafia e o silenciamento dos mesmos, favoreceu a difusão da história fundamentada no saber do colonizador, que retratou a sua perspectiva, sem critérios e sem que os indígenas pudessem contrapor ou fornecer sua versão. Assim, bem como retratado por Lélia Gonzalez:

“quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a

³⁶ STADEN, Hans, Suas Viagens e Captiveiro entre os selvagens do Brasil, Albert Loefgren, 1900, p 24.

³⁷ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil ... p 32.

³⁸ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil p 33.

³⁹ Bezerra, Juliana, Renascimento: Características e contexto histórico, disponibilizado no site “Toda matéria”

⁴⁰ MELO, 2016 apud Revista Interdisciplinar encontro das ciências Vol,1 n 3. 2018, p.11.

⁴¹ Bezerra, Juliana Renascimento: Características e contexto histórico disponibilizado no site “Toda matéria”.

⁴² Bezerra, Juliana Renascimento ... site “Toda matéria”.

⁴³ IGLÉSIAS, Francisco, Encontro de Duas Culturas: América e Europa, 1992 p 1.

⁴⁴ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, tradução de Angel Bojadsen, 2011, p. 111.

⁴⁵ BRUIT, Hector, América em Tempos de conquista, O Visível e o Invisível na conquista Hispânica da América, 1992 p.79.

⁴⁶ BRUIT, Hector, América em Tempos de conquista, O Visível e o Invisível... p.77,

⁴⁷ “Privilegio Epistêmico” é um termo utilizado por Lélia Gonzalez, citado no livro de Djamilia Ribeiro “O que é lugar de fala?”, 2017.

explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento.⁴⁸

Nota-se então, como a ausência de uma perspectiva que coloca os povos indígenas como agentes da própria história contribuiu para a visão estereotipada dos mesmos. Felizmente, atualmente há interpretações que permitem ver por um outro ângulo, Bruit por exemplo, evidencia que “mesmo conquistados e colonizados, os índios não perderam sua condição de agentes sociais ativos, capazes de frustrar os valores impostos pelos vencedores”⁴⁹, por meio de “práticas e comportamentos que tornaram o processo da conquista instável.”⁵⁰

No decorrer do livro de Staden, também é possível observar que a construção estereotipada de que os indígenas seriam “selvagens”, não se sustenta, dando lugar características culturais, sobretudo dos tupinambás e na segunda parte do livro, ele cita costumes, crenças, superstições, rituais antropofágicos, de como tratavam o prisioneiro desde sua chegada até a forma como este era morto, descrevendo até mesmo o objeto utilizado para tirar a vida do prisioneiro; fala sobre a pluralidade de línguas existentes, cita a relação de inimizade entre algumas tribos, como dormiam, cita técnicas de pesca e plantio, do que se alimentavam etc, evidenciando que um olhar mais próximo proporcionou a compreensão daquela tribo e seus costumes ⁵¹.

7. RELEVÂNCIA DO LIVRO PARA A HISTÓRIA DO BRASIL

É incontestável que a obra em questão é de extrema relevância para a história do Brasil, pois na época em que foi escrita, o estudo de outras culturas era inexistente. Os primeiros estudos e o desenvolvimento das ciências que tinham o interesse em compreender outros povos, designado por “Antropologia” e suas vertentes⁵², começaram por volta de 1840 com o Estadunidense Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e pelo Escocês James George Frazer (1854-1941)⁵³.

Lewis Morgan estudou os Iroqueses, algo que o levou a “consolidar o que aprendera sobre os mesmos no livro “A Liga dos Ho-dé-no-nau-nee, ou iroqueses”, que foi dedicado a Parker”⁵⁴, filho de um chefe Iroquês que o auxiliou. O “objetivo do livro era encorajar um sentimento mais bondoso em relação aos índios, baseado num conhecimento mais verdadeiro de suas instituições civis e domésticas, e de suas capacidades de futura elevação.”⁵⁵

O Britânico Edward Burnett Tylor, “é por muitos considerado o pai da antropologia cultural por ter dado pela primeira vez uma definição formal de cultura”⁵⁶. Para ele, “cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”⁵⁷.

Já James Frazer, ocupava-se dos estudos clássicos inicialmente e “na mesma época em que começou a tradução de Pausânias, conheceu William Robertson Smith, antropólogo especializado no estudo histórico das religiões do oriente médio.[...] e ele foi responsável por converter Frazer para a Antropologia”⁵⁸, ou seja, somente aproximadamente 283 anos após o lançamento da obra de Hans Staden é que houve a emergência de estudos voltados à antropologia.

⁴⁸ GONZALES, Lélia Apud RIBEIRO, Djamilia “O que é Lugar de fala?”, 2017, p.16

⁴⁹ BRUIT, Hector, América em Tempos de conquista, O Visível e o Invisível na conquista hispânica da América, 1992 p.79.

⁵⁰ BRUIT, Hector, América em Tempos de conquista, O Visível e o Invisível... p. 79.

⁵¹ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, 2011, p. 107.

⁵² DA MATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. (Primeira Parte: “A antropologia no quadro das ciências sociais”, p.27-58).

⁵³ TYLOR, Edward, B, “A Ciência da Cultura” (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural Textos de Morgan, Tylor e Frazer- Tradução de Maria Lucia de Oliveira), 2005, Editora Jorge Zahar, RJ, p.4.

⁵⁴ TYLOR, Edward, B, “A Ciência da Cultura” (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural) ... p.5.

⁵⁵ TYLOR, Edward, B, “A Ciência da Cultura” (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural) ... p. 5.

⁵⁶ TYLOR, Edward, B, “A Ciência da Cultura” (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural) ... p.8.

⁵⁷ CUCHE, D 1999, p. 35 Apud TILIO, Rogério (Unigranrio), Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades ISSN-1678-3182 - Volume VII Número XXVIII Jan-Mar 2009 35 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE CULTURA

⁵⁸ TYLOR, Edward, B, “A Ciência da Cultura” (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural) ...p.10.

Nota se então, que mesmo não tendo o intuito de contribuir para um conhecimento construtivo sobre outra cultura, por sorte ou azar, Staden fornece detalhes sobre os indígenas trazendo assim, de forma pioneira elementos riquíssimos de uma tribo vista do interior, dados reais sobre a pluralidade de tribos, culturas e línguas indígenas⁵⁹ no qual encontraram no novo mundo, abordando superficialmente sobre os carijós⁶⁰ e tupiniquins⁶¹ e um pouco mais a fundo sobre a tribo dos Tupinambás⁶², da qual foi prisioneiro.

8. ANÁLISE AO CARÁTER RELIGIOSO DA OBRA

De maneira geral, o livro apresenta uma vertente evangelizadora e um tanto teocêntrica, pois Deus estava no centro de todos os acontecimentos e por possuir este caráter religioso, foi de grande serventia para os líderes religiosos na influência do povo europeu, pois conforme citado por Andreza Bianca, nas palavras de Chicangana Bayona:

“Essa edição surge em um momento de grande efervescência da imprensa na Europa, conforme nos informa Yobenj Chicangana-Bayona: “O impacto que a imprensa gerou na Europa, bem como sua popularização, fizeram com que também fosse utilizada como veículo de ‘propaganda’ tanto pelos protestantes como pelos católicos”.⁶³

Deste modo, é essencial discorrer sobre algumas questões, como apontar o local de fala do autor, pois ele veio como colonizador, se tornou prisioneiro e escreve o texto enquanto um sujeito influenciado pelo antropocentrismo, ou seja, sem um olhar cauteloso, preocupado em entender a cultura dos povos do novo mundo.

Assim sendo, por se tratar de uma época de difusão do cristianismo, onde havia muita intolerância religiosa quanto a doutrinas não cristãs, “não bastava ser católico, era necessário subtrair todas as outras crenças e promover a unidade religiosa desejada por Roma”⁶⁴, ou seja, tinha se o objetivo de suprimir a crença do outro, logo, a tentativa ocorreu por meio da catequização, que objetivava arregimentar os indígenas ao cristianismo, porém, apesar de todo esforço dos colonizadores, para implementar um cristianismo “puro” no novo mundo, dada a cisão ocorrida na Europa⁶⁵, a catequização não obteve muito sucesso e :

“após um tempo, os próprios colonizadores notaram que os indígenas politicamente se portavam na frente dos colonizadores como crentes em seu Deus mas, quando estes estavam ausentes eles continuaram a cultuar suas divindades. Francisco de Vitoria fornece uma conclusão precisa sobre o que de fato ocorria “Pelas armas os bárbaros maos podem ser movidos a crer, senão a fingir que crêem e que abraçam a fé cristã.”⁶⁶

Ou seja, qualquer outra religião ou outras divindades, eram vistas como algo “do mal”, “ilegítimo”, tanto que Hans Staden usa o termo “Deus verdadeiro” para se referir ao Deus cristão, corroborando o pensamento etnocêntrico, bem como pode se averiguar nesta passagem:

Deus, no entanto, a quem ele recorria esperançoso, sempre o libertou do poder de seus inimigos. Além disso, através de sua fé e de suas preces, ele comoveu a Deus, levando-o a apresentar se aos ímpios e fazê-los ver como o justo e verdadeiro Deus ainda reina

⁵⁹ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil* ... p.109.

⁶⁰ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil* ... p.109.

⁶¹ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil* ... p.44.

⁶² STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil* ...p.107.

⁶³BAYONA, Chicangana APUD BIANCA, Andreza, “Selvagens, nus, Ferozes e Canibais”: Os Tupinambás nas representações de Hans Staden” p 19.

⁶⁴ História do Brasil, Religião e religiosidade no Brasil Colônia, p.3

⁶⁵ História do Brasil, Religião e religiosidade no Brasil... p.3

⁶⁶ BRUIT, Hector, *América em tempo de Conquista, O Visível e o Invisível na conquista hispânica da América*, p. 95

forte e poderosamente. Na verdade, sabemos que, com suas preces, o crente não deve impor a Deus nem objetivo, nem medida, nem tempo; mas, se a Deus agradou mostrar através de Hans Staden seus milagres aos selvagens pagãos, eu nada poderia ter contra.⁶⁷

Assim o termo “pagão” é usado de maneira a degradar os indígenas. Laura de Mello, fornece uma interpretação muito significativa, que traz luz ao contexto histórico em questão:

“A grande vedete do imaginário europeu nos séculos XV, XVI e XVII era o diabo. Com a ocupação do Novo Mundo, acreditava-se que o diabo havia se mudado para a América, possuindo as almas dos nativos e infernizando sua cultura. Todas as cerimônias e rituais indígenas eram vistos como coisa do demônio. Os europeus eram incapazes de enxergar a especificidade do Novo Mundo e reconhecer que se tratava de universos diferentes. Enxergavam as sociedades locais, seja indígena, seja colonial, com os valores da sua cultura e tudo que não se encaixava nestes valores era considerado coisa do demônio.”⁶⁸

Desta forma, ele demoniza a crença do outro e constrói uma narrativa que visa convencer da prontidão de seu Deus quanto a seus pedidos, levando os indígenas a acreditarem no mesmo também e a fazerem pedidos por meio de Staden, como se pode verificar na seguinte passagem, após ser capturado pelos tupinambás:

“perceberam que não iam conseguir escapar e disseram-me: “E mongetá nde Tupã t’okuabé amanasú jandé momaran eya resé”. O que vem a ser: “Fale com seu Deus para que a grande chuva e o vento não causem dano” [...] Eu jazia amarrado no barco e não via nada da nuvem ameaçadora. Os selvagens, no entanto, olhavam para trás e diziam: “Oduá amõ amanasu”. O que significa: “A grande tempestade está passando ao largo”. Finalmente consegui me ajeitar um pouco e olhei ao redor. A nuvem desaparecera. Agradei então a Deus.”⁶⁹

Nesta parte, ele demonstra uma das primeiras maravilhas operadas pelo Deus cristão no livro, através da oração, trazendo por este meio, a assimilação da fé católica aos indígenas.

Staden também atribui situações desfavoráveis pelas quais passou a vontade de Deus. No capítulo 40, ele tenta fugir com os franceses, no entanto, estes não permitem sua entrada no barco, pois os Tupinambás poderiam se voltar contra eles e toma-los como inimigos, então Staden diz : “ nadei desolado de volta para a terra e pensei: vejo agora que é a vontade de Deus que eu fique ainda mais tempo em minha desgraça”⁷⁰, e essa passagem faz alusão à ideia de resignação pois deve se perseverar e não deixar de acreditar, tal como recomendado na Bíblia:

“Sejam fortes e corajosos. Não tenham medo nem fiquem apavorados por causa deles, pois o Senhor, o seu Deus, vai com vocês; nunca os deixará, nunca os abandonará ”.[...] O Senhor é quem irá à sua frente. Ele estará com você, não o deixará, nem o abandonará. Não tenha medo, nem fique assustado.⁷¹

⁶⁷ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil*, 2011, p. 18.

⁶⁸ *História do Brasil, Religião e religiosidade no Brasil Colônia*, p.12

⁶⁹ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil...* p 53.

⁷⁰STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil...* p 83.

⁷¹Santa Bíblia, antigo testamento, Tradução de João Ferreira de Almeida, L.C.C Publicações eletrônicas, Deuteronômio 31:6-8

Além de tratar da prontidão do Deus cristão através da oração e da resignação, ele também expõe fatos que evidenciam a proteção, já que o Deus cristão se vingava trazendo algum tipo de castigo aos que tinham a intenção de causar algum dano a Staden, como se nota neste excerto:

Alkindar era odioso comigo e gostaria que Ipiru-guaçu, a quem me deu de presente, me matasse. [...] Assim, antes que os outros me levassem para o lugar onde comeram o escravo, o mesmo Alkindar ameaçara novamente matar-me. E agora, ao voltar para Ubatuba, ele estava com dores nos olhos, que contraiu durante a minha ausência. Ele tinha de ficar deitado em repouso, e durante algum tempo não pôde ver nada e me dizia sempre para falar com o meu Deus para que seus olhos ficassem novamente bons. Eu estava disposto a isto, contanto que mais tarde ele não tramasse nada de ruim contra mim. O que ele prometeu. Alguns dias depois ficou bom.⁷²

O Deus cristão também se posicionava, punindo os indígenas quando estes não agiam conforme os costumes europeus e da igreja católica. Neste caso, o ritual antropofágico era mais uma das ações abomináveis que ocorriam entre as tribos, assim, Staden cita o Deus cristão para persuadir os Tupinambás sobre o equívoco do costume antropofágico, no entanto, o próprio texto de Staden traz um fragmento que abre espaço para questionamentos:

“Meus senhores levavam alguma carne assada consigo. Havia vento forte e chovia.[...] Havia um jovem conosco que ainda tinha um osso da perna do escravo com um pouco de carne, que ele comeu. Disse-lhe para jogar o osso fora. Ele e os outros ficaram irados comigo; disseram que era comida normal deles, e com isso eu devia me dar por satisfeito.[...] e o jovem continuava a morder a carne do seu osso, até finalmente jogá-lo fora. Iniciamos a caminhada, e logo o tempo abriu. “Agora vejam”, disse-lhes, “você não quisera acreditar em mim quando eu disse que o meu Deus estava zangado porque o jovem comia a carne do osso.” “Sim”, disseram então os selvagens, “se ele tivesse comido sem que você tivesse visto, então teríamos ficado com tempo bom.” E a conversa ficou nisso.”⁷³

Assim, ele abre margem para debate, permite inferir que os indígenas eram dotados de senso crítico, algo característico do indivíduo renascentista e ao mesmo tempo evidencia que parte de sua argumentação baseou-se na sua interpretação.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, é possível concluir que Hans Staden era um cidadão comum influenciado pela igreja e pelo Renascimento do século XVI, que saiu em busca de aventuras, embarcou para o novo mundo⁷⁴, desempenhando funções nas quais possuía prática⁷⁵ e também adquirindo experiências pessoais, que o permitiram ser pioneiro na descrição dos costumes de povos tribais e de características do novo mundo⁷⁶.

Pelo tempo em que permaneceu em poder dos indígenas, nota-se que o autor era dotado de um forte senso de persuasão, tendo em vista os diversos contos sobre tripulações inteiras que não voltaram, como foi o caso do Bispo Pero Fernandes Sardinha, que durante a viagem de volta a Portugal “nafragou no litoral de Alagoas e os naufragos caíram nas mãos dos temidos caeté, sendo todos sacrificados e devorados em

⁷² STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil...* 2011. p 77.

⁷³ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil ...* p 76.

⁷⁴ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil ...* p 6.

⁷⁵ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil ...* p 6.

⁷⁶ STADEN, Hans, *Duas Viagens ao Brasil ...* p107.

cerimônia antropofágica⁷⁷, fica nítido que Staden, no mínimo, soube aproveitar as situações seu favor e as superstições dos indígenas atreladas aos acontecimentos dos fatos e a fé, foram muito importantes para que ele conseguisse se safar, como se vê na passagem onde :

“Eles se consultaram uns aos outros e decidiram quando deveriam me matar. Levaram-me também para lá, zombaram de mim e me ameaçaram. Eu estava triste e olhava para a lua e pensava: Ó meu Senhor e Deus, ajude-me para que esta desgraça tenha um final feliz. Neste momento perguntaram-me por que eu sempre olhava assim para a lua, e respondi: “Vejo que ela está zangada”. Pois a figura da lua me parecia tão horrível que eu mesmo pensava – Deus me perdoe – que Deus e todas as criaturas estavam zangadas comigo[...]
Alguns dias depois, todos os doentes voltaram. Nhaêpépôoçu fez conduzir-me à cabana dele e me contou como todos tinham adoecido. Eu já estaria sabendo, pois ele se recordava de como eu lhe tinha dito que a lua estava olhando zangada para a cabana dele. Ao ouvi-lo falar assim, pensei: que naquela noite, ter falado daquela forma sobre a lua deve ter sido um presságio de Deus. Enchi-me de alegria e pensei ainda: hoje Deus está comigo!⁷⁸

Desta maneira, é possível inferir que ele estabelece sua narrativa com certa frequência nesses três pilares: prevendo ou afirmando algo, sua previsão se consolida e o mesmo liga isso à sua fé em Deus.

Assim, por mais que o livro seja pautado na realidade e traga informações genuínas, o caráter religioso atribuído a obra, a ênfase a essas experiências religiosas bem sucedidas é passível de questionamentos, por apresentar a visão do “vencedor” em um momento emergente da história, além de ter sido aperfeiçoada quando necessário⁷⁹, ou seja, são detalhes que não tiram a credibilidade da obra, no entanto, evidenciam brechas. Assim é necessário ter em mente que:

“torna-se necessário (des)confiar das verdades absolutas e da historicidade de mão única, buscando assim, minimizar os erros e o preconceito historicamente e cientificamente edificados pelo espírito social da época, o qual muitas vezes, não apenas deixou de lado, bem como refutou os “saberes e dizeres” advindos do conhecimento filosófico ancestral das matrizes culturais e religiosas não judaico-cristãs, a saber: africana, afrodescendente e indígena⁸⁰”.

No geral, a obra “corroborou com o imaginário quinhentista de que o Brasil era uma terra de ‘selvagens’⁸¹ sem cultura e de hábitos jamais vistos e neste quesito, apesar de toda sua contribuição, Staden é mais um que faz uma interpretação imprecisa dos indígenas. Por ser um cidadão comum, ele ou o Dr. Dryander (cujo registros apontam como editor e escritor de Staden⁸²), não souberam fazer uma observação cuidadosa do que foi visto e conseqüentemente, não houve a cautela para a produção do relato, já que se tratava de uma cultura que destoava da cultura europeia. O fato é que por ter obtido muito sucesso, gerou um grande contratempo histórico a ser desconstruído por historiadores e estudiosos das ciências sociais, antropologia e afins.

10. BIBLIOGRAFIA:

BEZERRA, Juliana, “Renascimento: Características e contexto histórico” disponível no site “Toda matéria”. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/>

⁷⁷ História do Brasil, Religião e Religiosidade no Brasil Colônia, p.13.

⁷⁸ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil, 2011, p 66 a 70.

⁷⁹ STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil... p.15.

⁸⁰ REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS V.1, N.3. 2018 p.2.

⁸¹ BIANCA, Andreza, “Selvagens, Nus, Ferozes e canibais”: Os Tupinambás nas Representações de Hans Staden, 2012 p. 87.

⁸² STADEN, Hans, Duas Viagens ao Brasil... p.7.

BIANCA, Andreza - "Selvagens, Nus, Ferozes e canibais": Os Tupinambás nas Representações de Hans Staden, Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em:
<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3729/1/Andreza%20Bianca.pdf>

BRUIT, Hector - América em Tempos de Conquista - O visível e o Invisível na Conquista Hispânica da América, Rio de Janeiro, 1992

BUENO, Eduardo, Acesso em 20/11/2022, in Wikipédia, disponível em :
https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Bueno

BUENO, Eduardo, Buenas Ideias "Hans Staden- O Livro mais saboroso do Brasil", Youtube, 2019 disponível em:
https://www.google.com/search?q=eduardo+bueno+nus+ferozes+e+antropof%C3%A1gios&rlz=1C1GCEU_pt-BRBR893BR893&oq=eduardo+bueno+nus+ferozes+e+antropof%C3%A1gios&aqs=chrome..69i57.14836j0j1&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:23418fc0,vid:JyEyYboEjfs

DA MATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. (Primeira Parte: "A antropologia no quadro das ciências sociais", p.17-58).
<https://introhcs.files.wordpress.com/2015/10/relativizandoumaintroduoaaantropologiasocial-robertodamatta-150212221050-conversion-gate02.pdf>

IGLESIAS, Francisco. O encontro de duas culturas: América e Europa, 1992, Estudos Av. 6(14)

TYLOR, Edward. B, A Ciência da Cultura (in: CASTRO, Celso Evolucionismo Cultural), tradução Maria Lucia de Oliveira, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005;

NETO, Werner - Hans Staden Tradução como leitura , Campinas 2008 disponível em :
<https://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/871159.pdf>

REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS V.1, N.3. 2018, Discursos Etnocêntricos na Construção da Religiosidade no Brasil Colonial: Da Fragmentação Cultural à Homogeneização Religiosa

Santa Bíblia, Antigo testamento, Tradução de João Ferreira de Almeida, L.C.C Publicações eletrônicas, Deuteronômio 31:6-8, Disponível em:
<https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf>

RIBEIRO, Djamila "O que é Lugar de Fala ? "(Feminismos Plurais), Letramento, 2017. Disponível em:
<https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>

SOUZA, Laura de Mello e o Inferno Atlântico. Demonologia e Colonização Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (in Religião e Religiosidade no Brasil Colônia) - Aula 6, disponível em:
https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16122716022012Historia_do_Brasil_Colonia_Aula_6.pdf

STADEN, Hans "Duas viagens ao Brasil", Tradução de Angel Bojadsen, Introdução: Eduardo Bueno, editora L&PM Pocket 2011, Disponível em:
<https://prioste2015.files.wordpress.com/2018/10/duas-viagens-ao-brasil-hans-staden.pdf>

STADEN, Hans, "Hans Staden suas viagens e cativo entre os Selvagens do Brasil ", Tradução de Albert Loefgren, Instituto Histórico e Geographico de São Paulo , 1900 , disponível em:
<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009051&bbm/4833#page/170/mode/2up>

STADEN, Hans, Nus Féroces et Anthropophages, Editora: Matalie, Paris, 1979. Nova edição 2021- disponível em:

<https://libgen.is/book/index.php?md5=54356177464A40C57CECB5CB56A8E6CC>

HANS, Staden Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes. [trad.] Angel Bojadsen. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999.

TILIO, Rogério (Unigranrio), Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades ISSN-1678-3182 - Volume VII Número XXVIII Jan-Mar 2009 35 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE CULTURA

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/tilio.pdf